Segurança na Universidade

No passado mês de Março realizaram-se as 1as Jornadas de Segurança da Universidade de Coimbra, sob coordenação do Presidente da Comissão de Segurança desta Universidade, Prof. António Tadeu. A publicação na ELECTRICIDADE de vários artigos sobre "controlo de fumos em edifícios" sensibilizou o Eng. Marques Cardoso, do Departamento de Engenharia Civil, a convidar-me para participar naqueles dois dias de discussão. Aí estive, com muito gosto, dando uma contribuição sobre o tema a que fui solicitado. Mas, a oportunidade de convívio entre quatro centenas de "colegas do mesmo ofício" concedeu-me alguma informação inesperada, merecedora de mais vasta difusão. Por isso aqui estou.

No prospecto das Jornadas lê-se: "A segurança é essencial à qualidade de vida e deve ser assumida como um objectivo comum a todos os membros da comunidade universitária. No meio universitário só é possível atingir um nível elevado de segurança com o empenho e a acção concertada de todos os que aí estudam e trabalham. É fundamental uma ampla sensibilização neste domínio, tendo em vista o desenvolvimento e a consolidação de uma cultura de segurança que se possa reflectir nas decisões, nos comportamentos e nas atitudes no seio da Universidade". São frases lapidares, que não se julgam apenas de circunstância.

De facto, a criação de uma Comissão de Segurança da Universidade de Coimbra mostra que a Reitoria se encontra empenhada em criar uma "cultura de segurança" nas suas estruturas, que extravasa as condicionantes departamentais, geralmente com profissionais demasiado especializados para se preocuparem com as malhas sistémicas. A acronia universitária, estruturada em blocos de especialidades, deixa pouco espaço intra-departamental para acções inter-disciplinares ou trans-disciplinares, como é o caso da segurança.

Parece que o Conselho de Reitores já se apercebeu disso, procurando saber (promovendo?) quais são as iniciativas tomadas pelas universidades públicas portuguesas quanto a medidas de segurança. O ensino de massas tem destas consequências. No entanto, bem observadas as novas construções de departamentos universitários, nota-se imediatamente uma completa desadaptação arquitectónica às boas regras de segurança passiva (consequente de uma incultura de segurança dos arquitectos), para já não falar da ausência de condições de segurança activa (típica de uma incultura dos engenheiros de instalações especiais). Acima de tudo, porém, evidencia-se uma clamorosa falta de prospectiva na visão dos gestores universitários quando investem em novos *campus*.

Infelizmente, a inspiração pela cópia, buscando o contentamento na forma em vez do conteúdo (tão disseminado nos dias da aurora das tecnologias de informação), leva a que as novas universidades esperem pelos incontornáveis remendos nos patrimónios das mais antigas, até se decidirem a elaborar planos inovadores de segurança. Mesmo sabendo dos graves riscos que correm, sobretudo quando os estudantes são às centenas e aos milhares. Trata-se da influência do nosso ameno clima nos tradicionais brandos costumes dos portugueses.

Realmente, as Jornadas de Coimbra culminaram com estudos de casos onde se destacou "a experiência do Gabinete de Protecção e Segurança no I.S.T.", pelo Eng. José Cartaxo Vicente. Um exemplo a seguir e que certamente se irá generalizar: num *campus* com 11000 pessoas (dos quais 9400 alunos, 900 docentes e 700 funcionários) justifica-se a coordenação de três áreas específicas (incêndios, intrusão, higiene e segurança no trabalho), atendendo a sistemas de detecção e extinção de incêndios, controlo de acessos e medidas contra a criminalidade, registo de acidentes e inspecção das condições de trabalho (sobretudo quanto a resíduos perigosos e sinalização de segurança).

Para além deste valioso testemunho, assistiu-se a animadas exposições sobre a segurança em zonas de risco, casos específicos de incêndio e de intrusão, a saúde no trabalho e prevenção dos riscos eléctricos. Um conjunto de análises certamente edificantes para os objectivos de lançamento da Comissão de Segurança da Universidade de Coimbra: o stress e a resiliência do comportamento humano, a frequência e a gravidade do risco, a legislação e a formação, o património edificado e os regulamentos de segurança, a ventilação e a desenfumagem, a sinalização e a intrusão, a contrução civil e as responsabilidades da segurança, os planos de emergência e a protecção civil. No fundo, o bem-estar e a qualidade de vida.

O salutar convívio com profissionais de diferentes especialidades, mas com o interesse comum da segurança (médicos, engenheiros, sociólogos, técnicos de consultoria, etc) permitiu-me anotar um enorme movimento societal em torno desta nova disciplina. E, é claro, o relato à mesa do café sobre as centenas de empresas que se constituem para responder às crescentes exigências legais, geralmente sem quadros técnicos competentes e que chegam a praticar sensíveis atropelos às mais elementares regras deontológicas das profissões. Os oportunistas aí estão. Que só um sistema educacional adequado pode debelar.

Como é possível fazer auditorias de segurança industrial sem possuir um único instrumento de medição? Como se pode garantir segurança quando os auditores são profissionais improvisados, que facturam por coacção da lei e com a ameaça da denúncia? Afinal a segurança tem as suas inseguranças, exógenas à cultura da segurança e bem fora da cultura universitária. Daí a grande urgência da Engenharia de Segurança entrar pelos departamentos universitários adentro, sob o impulso da ciência e tecnologia ou da investigação e desenvolvimento. E

H.D.-R.